

Potência dos encontros em análise: uma forma de amar

Mariana Oliveira de Azevedo¹

RESUMO

A partir de vivências clínicas, o analista adentra no universo íntimo do paciente, onde emergem as mais primitivas conflitivas. Diante disso, é perceptível que existe um tema que perpassa diversas narrativas, inclusive fora do consultório: o amor. Esta produção delineou-se na perspectiva de encontrar sentidos de porque o amor é uma problemática tão emergente e tão intensa para os sujeitos. Pensou-se, então, a partir da constituição do sujeito e de suas relações e como isso surge no processo analítico, possibilitando, assim, o encontro íntimo com o analista no setting. Nesse encontro analítico, nos deparamos com a transferência e como ela opera na intensa vivência de análise, sendo possível, também, encontrar amor.

Palavras-chave: Psicanálise. Teoria psicanalítica. Narcisismo. Transferência. Amor.

¹ Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Contato: marianapsioliveira@outlook.com.

1 “CADÊ A MINHA SORTE DE UM AMOR TRANQUILO?”

Veza ou outra somos surpreendidos por essas colocações tão naturais e tão repentinas dos nossos pacientes. Fiquei pensando nessas coisas que surgem no *setting* e que ressoam em nós. E me perguntei o que a minha interlocutora queria me dizer...

Uma de suas demandas no tratamento é a dificuldade que encontra nos relacionamentos amorosos. Angustiaada, algum tempo após o início de nossos encontros, me disse: “Eu só queria um amor, não precisava nem ser tranquilo...”. Isso me fez pensar ainda mais sobre o que é esse tão desejado amor — intranquilo ou não — e o que nos faz desejá-lo tanto, mesmo sabendo que pode custar a *minha-nossa-tua* tranquilidade. Fiquei pensando nisso...

Aqui, proponho que tentemos encontrar alguns sentidos possíveis para essas narrativas tão comuns dentro e fora do consultório. Narrativas tão atuais que seguem a nos atormentar e que talvez possam nos explicar por que “amor” rima com “dor” — e tem coisa mais brega? Quem sabe assim possamos tranquilizar, minimamente, os corações aflitos dilacerados por essas dores: de desamor, de desamparo, do amor que acabou, do que não veio, do que não se sabe se vai chegar.

E me lembrei de Caio F., que escreve que a perda do amor é equivalente à morte, mas revela uma dor mais significativa, tendo em vista que a morte é inevitável, diferente de perder alguém que continua vivo, o que é irremediável e “dói mais fundo — porque se poderia ter, já que está vivo(a)” (ABREU, 2014, p. 25). Creio que cabe a nós pensarmos que tamanha dor é essa que nos atinge com voracidade e que pode ser até pior do que a morte real.

Percebe-se que, para adentar nesse tema — o amor —, é necessário revisitar o primitivo em nós — nossa constituição. E, para isso, olhamos para as proposições de Freud (1914), que inaugura um modelo para compreender o que seria a origem do Eu, que surge a partir de um novo ato psíquico, o narcisismo, passando de um autoerotismo a

um amor de objeto, o que nos possibilita amar e escolher o outro em sua totalidade.

De qualquer forma, a respeito das instâncias simbólicas alcançadas por meio desse grande sofrimento-salvação, só pode dizer algo quem de fato o conhece. Pois não se compõem poemas de amor sem estar amando, mesmo sabendo que “o poeta é um fingidor que finge que é amor a dor que deveras sente. Aí está o poema de amor, eu nem precisaria ter me posto a pensar” (SILVA, 2021, p. 285).

2 AMOR?

O amor é condição constitutiva inerente ao humano, segundo Nasio (1997), sendo também a premissa irremediável de um sofrimento comum a (quase) todos os sujeitos; quanto mais se ama, mais se sofre. E isso se deve justamente ao fato de estreitarmos os laços com a representação de um objeto – outro – amado, do qual a separação brusca causa dor, pois “é um objeto igualmente amado, odiado e angustiante” (NASIO, 1997, p. 25).

Assim sendo, constituímos-nos a partir de algo chamado “narcisismo”, descrito por Freud (1914) como uma extensão da teoria da libido. O narcisismo surge a partir do amor dos pais, “tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior” (FREUD, 1914, p. 98). Freud (1914, p. 81) ainda o descreve como complemento libidinal do instinto de autopreservação – de certo modo, encontrado em toda criatura viva.

Logo, esse modelo compreende que a origem do Eu propõe a existência de um investimento libidinal do Eu que é originário e, posteriormente, cedido aos objetos, persistindo, então, de forma fundamental nos nossos investimentos. A configuração narcísica gera dois produtos: o Eu Ideal e o Ideal do Eu. O Eu Ideal é, para Freud (1914), o ser infantil que acredita estar em posse de toda perfeição, revelando-se

incapaz de renunciar à satisfação sentida. Não desejando privar-se da perfeição e da completude narcísica, justamente do prazer de sua infância, e não sendo capaz de mantê-las perante as expectativas sociais em torno das imagens parentais, ele procura adquiri-las novamente na forma do Ideal do Eu, que pode ser caracterizado como uma instância secundária, formada a partir do complexo de Édipo. O Ideal do Eu é a substituição simbólica do narcisismo primário. Dessa maneira, “o que projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 1914, p. 101).

O Ideal do Eu é o resultado da convergência do narcisismo e das identificações com as figuras parentais, bem como com seus substitutos e ideais coletivos. Ele é descrito por Laplanche e Pontalis (1991, p. 222) como “um modelo a que o sujeito procura conformar-se”. A partir disso, são formadas essas estruturas de admiração que se tornam fundamentais para a *minha-nossa-tua* maneira de amar, já que amar alguém é incluí-lo no nosso Ideal do Eu.

O Ideal do Eu atua como uma tentativa de restaurar a perfeição narcísica primordial, sendo revelado a partir das concepções de valores e exigências presentes no âmbito dos desejos parentais, e refletindo valores vigentes no campo social. É, juntamente ao superego, uma instância de formação da moralidade, sendo formador dos ideais reguladores. Vale destacar que é uma instância, pode-se dizer, inalcançável, tendo em vista que sua função é justamente esta: permanecer como um farol que ilumina a estrada do desejo, como um horizonte. Assim, há uma incessante busca por restaurar as primeiras experiências de satisfação — inclusive, e talvez principalmente, a de ser amado.

Quando se fala de amor, quase naturalmente surge o ideal romântico de encontrar a completude, restaurando a perda originária, sendo essa a satisfação inicial descrita por Freud. Ocorre que essa busca é chamada de “desejo” — o retorno aos traços mnêmicos de satisfação, que se repetem nas vivências de cada um. E, “se o desejo é o que nos

move a encontrar um objeto perdido, é o amor que nos permite o (re) encontro com o objeto — ainda que parcial” (KUSS, 2014, p. 12).

Vemos que o narcisismo é um aspecto fundamental da constituição do sujeito, já que um tanto de amor por si é necessário para consolidar os limites da nossa identidade e da nossa autoestima. Com isso, torna-se possível o contato com a alteridade, sustentando a diferença do Outro no nosso encontro.

[...] devemos reconhecer que a autoestima depende intimamente da libido narcisista [...] nas relações amorosas, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de autoestima, enquanto o de ser amado os aumenta. Como já tivemos oportunidade de assinalar, a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado (FREUD, 1914, p. 104).

Lembro-me, mais uma vez, de Caio Fernando Abreu (2014, p. 26), que conclui: “e apesar de tudo eu penso sim, eu digo sim, eu quero Sins”. Porque não basta apenas amar: queremos ser amados de volta, ser vistos por quem amamos. Nasio (1997, p. 46) afirma que o Outro imaginário — amado — é como a superfície capaz de refletir nossas próprias imagens; é, “simultaneamente, a imagem do outro e espelho das minhas”.

É a partir da vida do outro e da minha imagem que enxergo através dele que os afetos se tornam possíveis. Freud (1914, p. 105) diz que “uma pessoa apaixonada é humilde. Um indivíduo que ama privase, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele”. Se é capaz de exaltar nosso amor narcísico ou de fomentar nosso ódio por nós mesmos, isso revela também a dependência em relação ao amado, que desvela nossa angústia. Angústia essa que lembra a do bebê que depende da mãe para ser amamentado, acalentado e adorado; a fome agora se

revela como fome de amor, com o sujeito também necessitando de acalento e adoração para sentir-se vivo.

Assim como me enxerguei nos olhos de minha mãe enquanto ela me embalava — pequeno e vulnerável —, enxergo-me agora pelos olhos do amado. E, como a presença da mãe também se constituiu por sua ausência, quando me fazia esperar e alucinar que estivesse ali, o mesmo acontece quando amo — já que o amado só pode ser esse amado —, porque também existe um ritmo: de presença e de ausência. Sei que, se ele não está aqui agora, em breve estará. Assim, se estabelece a presença simbólica do Outro em nosso inconsciente como ritmo entre seu papel de objeto e a insatisfação que eu sinto (NASIO, 1997).

Mas esse eleito insubstituível não é somente um sujeito. É também força excitante, objeto de satisfação e insatisfação — tudo ao mesmo tempo e amálgama presente no ritmo vívido do nosso laço de amor. Nosso encontro é, por vezes, tranquilo e gradual; em outros momentos, avassalador e afoito. As trocas erógenas podem ser harmônicas, mas as satisfações resultantes seguem para cada sujeito singulares, parciais e discordantes. Freud retoma novamente a nostalgia do objeto perdido, que é reençada diversas vezes nas histórias pessoais de cada um:

[...] a satisfação do amor é impossível e o reenriquecimento do ego só pode ser efetuado por uma retirada da libido de seus objetos. A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas (FREUD, 1914, p. 106).

O compasso entre o Eu e o amado dança com o *meu-teu-nosso* desejo, cumprindo a função paradoxal de obrigar-me a seguir com o ritmo desse nosso laço afetivo. Logo, “Ele me protege e me torna in-

satisfeito” (NASIO, 1997, p. 46). E este é o mote: nunca se pode ter — totalmente — o que se deseja.

3 E AGORA?

Assim, o *meu-teu-nosso* narcisismo desempenha um papel determinante em nossas escolhas objetais. Afinal, cada um de nós tem para si determinadas formas de operar nas suas vivências, sendo esse, de acordo com Freud (1912a), o *meu-teu-nosso* clichê estereotípico, que estabelece a maneira como constituímos e delineamos nossas relações. Ele reaparece no decorrer dos acontecimentos e é (muito propenso a ser) repetido mesmo em novos encontros objetais.

Freud (1914, p. 97) dedicou-se a pensar a respeito das escolhas objetais na vida amorosa, delineando-as da seguinte maneira: “(1) em conformidade com o tipo narcisista: o que ela própria é (isto é, ela mesma); o que ela própria foi; o que ela própria gostaria de ser; alguém que foi uma vez parte dela mesma”, sendo essa uma escolha realizada com base na forma como o sujeito se relaciona consigo mesmo; e (2) “em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): a mulher que a alimenta; o homem que a protege”, sendo essa uma escolha que surge a partir de figuras parentais que proveem amparo, estando apoiadas, originalmente, nas pulsões de autoconservação (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 155).

Entre 1910 e 1918, Freud se debruça novamente sobre o tema das escolhas objetais e sobre o amor, produzindo, então, três textos: *Contribuições à psicologia do amor I, II e III*. Em “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (FREUD, 1910), o primeiro dos três textos, ele começa a delinear o fenômeno amoroso afirmando que os homens geralmente se ligam às mulheres que possam remeter à figura materna, sejam elas comprometidas, prostitutas, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras.

Quando fala “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud (1912b) remete à relação de depreciação do amor

e aos mecanismos de repetição, rememorando que os novos objetos escolhidos terão o modelo de afeição que se ligava aos objetos mais primitivos. E, finalmente, em “O tabu da virgindade”, Freud (1918) discorre sobre o valor atribuído à virgindade da mulher, trazendo os conceitos de desejo, amor e relacionamento duradouro.

Vale destacar que Freud fez uso do termo “escolha” para se referir não às concepções intelectuais, e sim às escolhas inconscientes, que nem o sujeito sabe que está fazendo. Esse clichê é repetido também com a figura do analista — este que também é uma escolha — quando ocorre o fenômeno da transferência (SALZTRAGER *et al.*, 2014).

Laplanche e Pontalis (1991, p. 514) definem a transferência como:

[...] o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no enquadre de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro de uma relação analítica.

Ressalto aqui que a transferência ocorre em todas as relações, porém dentro de um enquadre. O analista, ao assumir sua posição ética e abstinente diante do que lhe é endereçado, compreende as fantasias, angústias e desejos como material de análise — é o “terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991, p. 514). Daí a diferença das confissões em análise. Não estamos na mesa do bar com o colega de trabalho, ou no banco da praça com um amigo, ou fazendo qualquer outra coisa com qualquer um sei lá quem: estamos ali, no *setting*, com ele, o analista.

E, tendo em vista a idealização — da perfeição antes minha, agora do outro —, percebe-se também um componente fundamental para que ocorra o fenômeno transferencial. Afinal, para adentrar em um processo analítico, é necessário idealizar a figura do analista: é ele o nosso tão escolhido, aquele que escuta, que acolhe e que é (será?) capaz de curar a nossa dor.

Estou olhando para o abismo, quem poderá me salvar? Ou: minha vida está uma merda, o que faço agora? De qualquer forma, um pedido de socorro.

Quem busca uma análise o faz porque sofre — e muito provavelmente está sofrendo do momento em que inicia a sua busca por um profissional até realizar o primeiro contato e, inclusive, os primeiros encontros. O fato é que, normalmente, ao chegar ao consultório, o futuro analisante se depara com uma situação que até então poderia ser protelada — até não poder mais, já que o sofrimento é tão evidente que precisamos desse alguém, o analista, que acreditamos ser capaz de apaziguar toda essa intensidade avassaladora. É preciso confiar e, por conta da transferência, eu confio.

Me escuta, me cura.

Com o devir do fenômeno da transferência, há, então, a possibilidade de reeditar essas *minhas-nossas-tuas* maneiras singulares de nos relacionar. No consultório — assim como no útero da mãe, que durante a gestação sustenta as tempestades internas causadas pelo bebê —, podem, portanto, aparecer os desejos, fantasias e problemáticas mais vorazes para serem revividas no campo transferencial e no ambiente seguro do *setting* terapêutico. Abre-se um portal para um lugar mais primitivo que permite ao paciente acessar os primórdios de si. Cabe ressaltar que Freud (1912a) descreve duas modalidades em seu artigo “A dinâmica da transferência”: negativa e positiva, sendo que “a transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos” (FREUD, 1912a, p. 140), diferenciando, assim, a simpatia ou a hostilidade demonstrada pelo analisante. Além disso, no mesmo texto, é evidenciado o problema da resistência: “permanece sendo um enigma a razão por que, na análise, a transferência surge como resistência mais poderosa ao tratamento, enquanto que, fora dela, deve ser encarada como veículo de cura e condição de sucesso” (FREUD, 1912a, p. 135).

A transferência nada mais é que puro vínculo. Mas a particularidade desse vínculo é justamente esta: o fenômeno transferencial. Pois

é na presença do analista que o analisante torna-se capaz de perceber o desamparo de outra maneira — a “ausência” na presença do analista é sustentada pela abstinência. Ainda, ao escutar o inconsciente, cabe ao analista manter a sua escuta flutuante, exercício que vai se tornando cada vez mais natural com o desenvolvimento de nossas atividades clínicas — sendo ainda, porém, muito complexo.

E, ao se deparar com o primitivo, em muitos momentos o analista é quem vai cumprir a função de entregar a palavra, por meio de movimentos tão iniciais como os exercidos pelos cuidadores do bebê, como nomeação, integração e continência. Cabe, então, assinalar que o respeito pelo ritmo da construção subjetiva do sujeito nesse novo ambiente suficientemente bom — que também está sendo constituído pela dupla — estabelece um caos protegido, já que temos alguém que nos acompanha nessa viagem convocada a lugares traumáticos. É preciso confiar muito.

Assim, a transferência é capaz de promover a presentificação dos conflitos do paciente, e apenas dessa forma será possível que haja análise. Com a repetição das problemáticas subjetivas que se manifestam, abre-se espaço para um trabalho analítico e, dessa forma, a transferência se molda à imparidade de cada caso, “artifício este que conduz o paciente a uma reelaboração da sua história” (SALZTRAGER *et al.*, 2014, p. 197).

Foi evidenciada por Freud a questão dos enamoramentos que surgem nos processos de análise, havendo um adendo às recomendações aos médicos sobre a técnica da psicanálise. Alerta-se que

[...] o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal “conquista”, como seria chamada fora da análise (FREUD, 1915, p. 210).

Assim, esse fenômeno dar-se-ia como expressão de resistência, e um amor direcionado ao analista que não fosse analisado estaria fadado a surgir de novo no analista seguinte e assim por diante; “por mais alto que possa se prezar o amor, tem de prezar ainda mais a oportunidade de ajudar sua paciente a passar por um estádio decisivo de sua vida” (FREUD, 1915, p. 220).

A partir da atualização dos conflitos, torna-se viável que as cenas anteriores das vivências do sujeito sejam reeditadas, principalmente tendo em vista o manejo da transferência a partir da figura do analista, capaz de auxiliar a narrativa a seguir um processo de elaboração. É preciso desmistificar as verdades absolutas constituídas pelo eu do analisante, bem como realizar um processo constante de nomeação e tradução.

Ao permitir a emergência do primitivo de si, o analisando entra em contato com os mais diversos afetos (amor/ódio), que são propulsores do processo analítico, mas também podem se revelar obstáculos quando há resistência — e, em determinado momento, sempre há. Enquanto analisandos, resistimos a abdicar de nossas antigas formas de resolver conflitos e nos relacionar, apesar da dor que isso causa. Somos ambivalentes.

E, por ser palco da minha história — agora contada de outra forma —, o analista também vira personagem e depositário de tudo o que eu sinto. Também queremos ser amados por nossos analistas e, em alguns momentos, também sentiremos certo desprezo por eles. E os analistas sabem que terão sentimentos de ódio, pois esse é o lugar para que esses afetos emergjam. Até porque, na carta de Freud endereçada a Jung em 6 de dezembro de 1906, já havia a certeza de que a psicanálise é, essencialmente, a cura pelo amor — de transferência! É, então, sabendo que tudo o que habita em nós pode aparecer e sustentando esse lugar de presença e de suporte que o analista também nos dá uma demonstração de amor. Ele sustenta a relação apesar do que eu lhe mostro de pior (e de melhor) em mim. Em contrapartida, o paciente

também dá suas demonstrações de amor ao analista, e isso ocorre pelo simples fato de se deixar olhar e de encarar a aventura que é revisitar a sua história na companhia do analista.

O amor que nasce na situação analítica é, desde o início, paradoxal: “Você pode me amar, pode contar comigo, mas te prometo que iremos nos separar um dia”. O analista promete presença e permanência, mas na sua promessa se insinua, de modo latente, a certeza de uma separação. A promessa de separação tem a ver não apenas com as capacidades terapêuticas do analista, mas é o seu próprio eixo ético (BOUWMAN, 2009, p. 99).

Pelo fato de a associação livre ser a regra fundamental da psicanálise, reitero que é preciso confiar. Como podemos nos despir e mostrarmos tão nós diante de alguém? Há que existir confiança. Nesse lugar onde não se calam catarses, o analista é capaz de atravessar essa experiência emocional de forma tão intensa quanto o paciente, e isso se deve principalmente ao fato de que o analista também detém um espaço seu.

4 A ANÁLISE DO ANALISTA

O transbordamento existe e vou querer sempre fazê-lo voltar: através de todos os meandros da história amorosa, teimarei em querer reencontrar, renovar, a contradição — a contração — dos dois abraços.

(Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso*)

É por acreditar que o aprendizado não provém do acúmulo de conteúdo, e sim da experiência do processo de aprendizagem, que creio que a psicanálise se transmite. Segundo Lacan (1970, p. 310), “ao se

oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalisante”. Logo, é por atravessar a experiência emocional de um processo analítico que vou encontrando meu próprio sentido e, assim, permito que outrem siga nesse mesmo complexo exercício.

Sem ter passado por um encontro que possa conter a minha hostilidade, fazer o mesmo torna-se tarefa impossível. Não se pode conter sem ter sido contido. Assim, eu sou capaz de tolerar as projeções que me são depositadas pois alguém fez o mesmo por mim. Zimbres (1994, p. 77) pontua que “[...] o analista sabe sobre si, até que ponto ele é capaz de lidar com o fato de que seus sentimentos mais profundos são mobilizados pelo trabalho da análise”.

Assim, nossas análises pessoais nos capacitam para que possamos narrar sozinhos nossas próprias histórias e, assim, encontrar as nossas próprias narrativas, desanuviando o caminho do inconsciente. Diante disso, exercer a psicanálise é, portanto, seguir analisando-se constantemente – e isso dói.

5 POR QUE O AMOR DÓI?

Resumidamente, ao escrever o *Projeto*, em 1895, Freud propõe que os neurônios impermeáveis () estão expostos a quantidades (Q) de vias endógenas que podem romper com o sistema de neurônios perceptuais () ao deter quantidades excessivas, causando dor. Logo, há uma propensão à descarga e uma facilitação para que ocorra. Freud (1914, p. 83) afirma que

[...] a libido objetual atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetual, ao passo que temos uma condição oposta na fantasia do paranoico (ou autopercepção) do “fim do mundo”.

E, no que diz respeito aos mecanismos dessa ideia de fim do mundo, conforme descrito em uma nota de rodapé da edição citada, há o caso de toda a catexia libidinal ser direcionada para o objeto amado, ou o caso de a mesma catexia se dirigir de forma integral ao ego.

O que acontece no rompimento de uma relação, por exemplo — seja porque o sujeito continua vivo ou devido à sua morte —, é que precisamos deter todos esses afetos depositados no outro. Sem ter aonde ir, esses afetos nos inundam em grande quantidade, buscando logo uma descarga.

É devido à alta intensidade que existe a dor, e, por esse motivo, muitas vezes essa dor é avassaladora. Assim, o papel da análise é encontrar destinos possíveis para essas grandes quantidades que, de uma hora para outra, não sabemos onde colocar.

6 VICISSITUDES

O encontro analítico pressupõe o desenvolvimento de um vínculo atravessado pela comunicação primitiva da transferência. Nesse momento em que o analisando encontra a subjetividade do analista, eu me mostro não apenas pelas roupas que visto ou pela forma como falo — enquanto analisando —, mas também pela maneira como acolho e como cuido — enquanto analista.

É pelo prazer desse encontro tão íntimo que acontece no *setting* que se torna possível desvendar possibilidades para caminhos mais saudáveis, e aqui dou ao termo “saudável” o sentido de certeza da incerteza, e não de promessa de uma cura eterna, pois não é disso que se trata a psicanálise. O processo analítico e, quem sabe, uma possível cura se constroem de modo que o sujeito possa se deparar com as faltas de suas histórias e conviver com o que lhe é intransponível, conduzindo, então, suas vivências a um rumo em que esteja o âmago do espontâneo de si, de acordo com a imparidade de seus desejos.

No entanto, o sujeito terá também que se deparar com os impasses

entre as normas sociais e os seus desejos — o que é comum a todos os sujeitos —, tendo que conciliá-los. Cabe, então, a cada um encontrar sua maneira de fazer com que a vida seja menos sofrida — se é que isso é possível. Freud (1915, p. 214) escreve que “o tratamento analítico se baseia na sinceridade, e neste fato reside grande parte de seu efeito educativo e de seu valor ético”. Assim, podemos pensar no processo analítico como um amparo para que o analisando possa encontrar o que há de autêntico em si.

Percebe-se que o espaço da análise é essencial para que possamos encarar de frente nossos sofrimentos, tendo o apoio e a continência que existem na potência do encontro íntimo instaurado por meio da transferência. É preciso confiar. Analisar é também uma forma de amar.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. Extremos da paixão. *In*: ABREU, C. F. **Pequenas epifanias** (crônicas – 1986-1995). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 25-26.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BOUWMAN, M. W. Desafios da formação psicanalítica: reflexões em torno da análise do analista. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 32, p. 95-102, 2009.

FERENCZI, S. (1932). **Diário clínico**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 335-454. (Edição standard brasileira, 1).

FREUD, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 147-158. (Edição standard brasileira, 11).

FREUD, S. (1912a). A dinâmica da transferência. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 131-146. (Edição standard brasileira, 12).

FREUD, S. (1912b). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 159-174. (Edição standard brasileira, 11).

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 81-110. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1915). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 207-226. (Edição standard brasileira, 12).

FREUD, S. (1918). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 175-192. (Edição standard brasileira, 11).

KUSS, A. S. S. **Amor e desejo**: um estudo psicanalítico. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LACAN, J. (1970). Alocução sobre o ensino. *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 302-310.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 11. ed. Santos: Martins Fontes, 1991.

LUZ, A. B. Fases da psicoterapia. *In*: EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, R. W.; SCHES-TATSKY, S. S. (org.). **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 254-267.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SALZTRAGER, R. *et al.* Transferência e sofrimentos narcísicos: o analista como catalisador de sentido. **Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 31, p. 187-207, 2014.

SILVA, R. C. E os poemas de amor? *In*: FERRÃO, A. C. S.; BARBERENA, R. A. (org.). **O arrepio do sentido**. Porto Alegre: Zouk, 2021. p. 286-287.

ZIMBRES, P. Q. C. Clarice, Ofélia Maria (e o pinto) ou relação analítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 52, p. 71-84, 1994.

Potencia de encuentros en análisis: una forma de amar

RESUMEN

A partir de las experiencias clínicas, el analista entra en el universo íntimo del paciente, donde emergen los conflictos más primitivos. En este contexto, se ha observado que hay un tema que permea diversas narrativas, incluso fuera del consultorio: el amor. Esta producción fue delineada desde el punto de vista de la búsqueda de significados de por qué el amor es un problema tan emergente e intenso para los sujetos. Pensamos, entonces, desde la constitución del sujeto y de sus relaciones y cómo esto emerge en el proceso analítico, posibilitando así el encuentro íntimo con el analista el setting. En este encuentro analítico, nos enfrentamos con la transferencia y como ella opera en la experiencia intensa del análisis, siendo posible, también, encontrar el amor.

Palabras clave: Psicoanálisis; Teoría psicoanalítica; Narcisismo; Transferencia; Amor.

Recebido em 12/06/2023

Aceito em 28/08/2023